

**ELEMENTOS DE REFLEXÃO PARA FUNDAMENTAR A PESQUISA EM GEOGRAFIA
CENTRADOS NA RELAÇÃO TEMPO-ESPAÇO-TERRITÓRIO***

Luiz Carlos **FLÁVIO**¹
Marcos Aurelio **SAQUET**²

RESUMO: A partir dos anos 1990, no Brasil e noutros países, ocorreu o acirramento de pesquisas e debates acerca do território e da territorialidade, conceitos que têm, cada vez mais, centralidade na geografia. E é no contexto de renovação constante desta ciência, que evidenciamos alguns elementos que podem fundamentar e orientar a efetivação da pesquisa centrada na relação tempo-espaço-território. Na primeira parte do texto, destacamos algumas características do processo de produção do conhecimento, como um movimento que precisa ser sempre mais profundo e completo. Na segunda parte, destacamos os conceitos de tempo, espaço e território, mostrando suas diferenças e sinalizando para sua relação de complementaridade como orientação geral num processo de pesquisa e para a atuação em projetos de desenvolvimento territorial.

Palavras-chave: Geografia, tempo, espaço, território, territorialidade.

RESUMEN: A partir de los años 1990, en Brasil y en otros países, se experimentó un creciente interés en las investigaciones y debates acerca del territorio y la territorialidad, conceptos que tienen cada vez más centralidad en la Geografía. Y es en el contexto de la renovación constante de esta ciencia, que encontramos algunos elementos que pueden fundamentar y orientar la efectivación de la investigación centrada en la relación tiempo-espacio-territorio. En la primera parte del texto, destacamos algunas características del proceso de producción del conocimiento, como un movimiento que necesita ser siempre más profundo y completo. En la segunda parte, destacamos los conceptos de tiempo, espacio y territorio, mostrando sus diferencias y subrayando su relación de complementariedad como orientación general en un proceso de investigación y para su uso en proyectos de desarrollo territorial.

Palabras clave: Geografía, tiempo, espacio, territorio, territorialidad.

ABSTRACT: From the 90s, in Brazil and other countries has increased the researches arguments about territory and territoriality, concepts that have more and more centrality in the geography. And is in this context of constant renew of this science that outstand some elements that can support and orient the effectiveness of research centre in the relation time-space-territory. In the first part of the text, we outstand some characteristics of the knowledge production process, as a movement that needs always being deep and complete. In the second part, we outstand the concepts of time, space and territory, showing their differences and point out for its relation of complementarities as general orientation in a process of research and for the action in projects of territorial development.

Key-words: geography, time, space, territory, territoriality.

1. INTRODUÇÃO

A espacialidade e a territorialidade humana se concretizam a partir do emaranhado de relações multidimensionais dos homens, grupos, organizações sociais. Tais relações se constroem eivadas de conflitos e contradições dadas pelas relações econômicas, de poder, simbólicas e de identidade (materiais e imateriais). São engendradas a partir das diversas temporalidades e formas de apropriação da natureza. E, assim produzindo os lugares, engendram-se ininterruptas recriações (des-re-territorialização) de diversas formas de existência, sobrevivência e sonhos

* O presente artigo é fruto das reflexões brotadas a partir da disciplina “O tempo, o espaço e o território: uma questão de método”, ministrada pelo Prof. Dr. Marcos Aurelio Saquet, no segundo semestre de 2007, junto ao programa de Pós-Graduação em Geografia da Unesp de Presidente Prudente-SP.

¹ Professor do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná e doutorando em Geografia pela FCT-Unesp de Presidente Prudente-SP, e-mail: lucaflavio@gmail.com.

² Professor do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná e pesquisador do CNPQ, e-mail: saquetmarcos@hotmail.com.

constituintes de interações, malhas, nós, redes, fluxos, continuidades e descontinuidades, limites e possibilidades de realização. Elas (relações) se traduzem em múltiplas territorialidades que caracterizam a totalidade do espaço humano (Luiz Carlos Flávio).³

O presente texto se propõe a explicar alguns aspectos referentes à temática *tempo, espaço e território* como conceitos diferentes que se interagem e completam num processo de pesquisa em geografia. Desta forma, abordaremos sucintamente o que estamos denominando relação espaço-tempo-território, num processo contínuo de construção e reconstrução do espaço, do território e do próprio tempo, seja no campo, seja na cidade e nas mais diversas interações que se estabelecem cotidianamente.

Tal qual anotamos, nossas reflexões nasceram no interior de uma disciplina ofertada no curso de pós-graduação em geografia da Unesp, campus de Presidente Prudente. Por isso, antes de iniciarmos nossas explicações, teceremos algumas considerações acerca da importância de tais disciplinas para a reflexão geográfica. Queremos salientar que tais disciplinas são momentos de preciosa possibilidade de exercício da reflexão teórico-metodológica. O contato com os textos-autores propostos e com as obras e idéias suscitadas pelos colegas-debatedores são importantes *lumens* a tanger o pensamento, a provocar as *des-re-construções* das idéias num movimento cada vez mais profundo de apreensão do próprio pensamento e do *real*. Queremos ratificar que tais processos portam consigo possibilidades de fertilização e ampliação das bases de compreensão e análise das criações e realizações humanas, materializadas no espaço, no tempo e no território.

Não existe avanço do pensamento sem sua oxigenação, renovação. Não se logra formação de excelência e qualitativa se não houver o bom exercício de reelaboração dos quadros e referenciais nos quais se assenta o pensamento que se quer profundo, crítico. Que se quer operativo, ou seja, coerente em seu crivo reflexivo e capaz de se fazer subsídio para a eficaz interpretação e transformação de traços do mundo, da vida, que precisam ser cada vez mais justos no que concerne à sua construção social.

Observamos ainda que, dados os limites que encerram a extensão deste texto, almejamos lançar reflexão acerca de pontos que se acenam centrais. Isto é, pontos capazes de embasar a reflexão e fundamentar a pesquisa em geografia. Capazes de orientar o *métier* do geógrafo-professor-pesquisador na abordagem e interpretação da espacialidade humana. Nossa abordagem é, portanto, um deslizar, uma breve entronização no temário em tela.

Para isso, vamos nos valer de reflexões pautadas a partir de autores tais como Braudel (1978), Deleuze e Guattari (1992 [1991]), Gottmann (1988), Hegel (2002), Lefebvre (1995), Marx (1978 e 1983), Raffestin (1993 [1980]), Raffestin e Turco (1989a e 1989b), Santos (1997a e 1997b) e Saquet (2000, 2006 e 2007). E, eventualmente, utilizaremos outros autores que possam nos auxiliar na tarefa abraçada. Isto posto, podemos avançar nossa breve contribuição à temática proposta nesta oportunidade.

2. A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

A geografia, nas últimas décadas, tem perseguido a construção de *caminhos* capazes de patrocinar a renovação dos seus quadros teóricos. A busca de fundamentos críticos tem sido sua marca. Nesse sentido, a revisão dos paradigmas formadores das bases de interpretação da realidade; o cotejamento/debate/diálogo sobre os conceitos caros ao pensamento geográfico, em sua construção histórica, é certamente um dos momentos necessários ao profícuo exercício de

³ Trata-se de trabalho não publicado, realizado em sala de aula durante a disciplina “O tempo, Espaço e o Território: uma questão de método”, ministrada pelo Professor Dr. Marcos A. Saquet no segundo semestre de 2007, junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista (Presidente Prudente).

interpretação do espaço, do tempo e do território. Como já acentuamos, tal exercício é que faz avançar a oxigenação e renovação constante do conhecimento científico.

Um dos primeiros pontos preciosos para o avanço do conhecimento geográfico, em particular, diz da concepção sobre a verdade científica. Esta é posta hoje como algo que se constrói no esforço da laboriosa construção de pesquisa. É tecida a partir do diálogo brotado no seio da inquietude e busca dos homens/mulheres cientistas, em suas injunções e eventuais limitações históricas. Avanço este cuja consecução se dá hodiernamente a partir do diálogo entre os diversos campos do conhecimento, que vão da geografia à filosofia, passando pela história, economia, sociologia, psicologia, antropologia etc.

Tal agregação de esforços se torna necessária, pois, tal qual ensinam Raffestin e Turco (1989a, p.22-3), o bom quadro epistemológico sempre apresenta pontos seguros e controversos, *zonas* de sombra e outros mais evidentes. E a verdade não é algo que se possa considerar como atingida em absoluto, mas sempre relativa e parcial, passível de debate e busca constante, em cujo processo (incessante) almejamos o engendramento de uma maior totalização ou aproximação do conhecimento dos objetos e fenômenos que nos cercam. A ciência, nesse sentido, é uma aproximação da verdade, aproximação que precisa ser, necessariamente, sempre mais coerente e completa.

Conforme já observado em Saquet (2007), há que se ter um movimento em nosso pensamento para compreender o movimento *que ocorre no próprio pensamento, no espaço, no tempo, no território*. O território precisa se expressar no pensamento. Há ligações e relações presentes ou imanentes no *real*, bem como entre ele e o pensamento. O que nos remete a pensar numa relação sujeito-objeto bastante delicada e num nível em que a razão e a emoção se coadunam incessantemente. O movimento do pensamento em sensações, percepções, leituras, reflexões é um aspecto do abstrato que é inerente aos processos territoriais significando, ao mesmo tempo, um processo de construção da objetividade do conhecimento humano. É o *nada* cheio, o *ser-novo* já pretérito, efetivados a um só tempo. Há pensamento em movimento sobre o movimento espaço-temporal-territorial que é multitemporal e multiescalar.

Ademais, além de ser histórica, toda problemática se reporta a questões específicas, localizadas em aspectos, dinâmicas e leis particulares. A teoria que vale para explicar uma mesma ordem de problema em certo local, pode não servir para outra situação. Cada sociedade organiza o espaço e o território a seu modo. Assim, a abordagem da teoria, em sua relação com a empiria, necessita do diálogo constante com o concreto, com o mundo da vida, buscando a interação com os processos universais. Há uma relação de reciprocidade entre o universal e o singular, como já é bem conhecido na geografia e em outras ciências. E é nossa vida cotidiana, com suas materialidades e imaterialidades, que condiciona nossas pesquisas e reflexões questiona a necessidade de constante revisão dos métodos, categorias e conceitos que utilizamos. E cada campo do saber contribui, com suas análises, no aperfeiçoamento e esclarecimento da utilização de conceitos e/ou categorias específicas ou universais.

Os conceitos, em geral, são complexos. Isso decorre do fato evidente de que a própria realidade de onde defluem é complexa, como ensina Morin (2007). Por outro lado, são verdadeiras *pontes* moventes, na medida em que as categorias, conceitos e noções se interpenetram. E nessa condição, necessitam manter diálogo recíproco a fim de que, na confluência do movimento interativo entre as ciências, em seus avanços teórico-conceituais, possam tornar a realidade mais inteligível (DELEUZE, GUATTARI, 1992; SAQUET, 2007).

Nesse mesmo contexto, lembramos, a partir de Bobbio (2003) que a busca da clareza conceitual sobre as novas realidades têm sempre incitado muitos campos científicos até mesmo a uma readequação lexical. Ou seja, à busca de conceitos *novos* que coadunem com os *novos* fenômenos ou aspectos presentes no devir das também *novas* relações sociais. Tal processo investigativo, uma vez que venha a auferir bons resultados, pode exercer, por decorrência, importante papel no que concerne em contribuir com a ininterrupta reinterpretação do que temos como realidade.

Apesar de não aprofundarmos nesse texto esta correlação e as controvérsias que ensejam os limites e/ou distinção destes termos, é importante notar que, para Santos (1997b), as categorias se relacionam a verdades eternas ou perenes cujas bases universais (das coisas) servem como instrumentos gerais de interpretação. Já os conceitos, similarmente ao que sugere Hegel (2002), são abstrações dos elementos, cujos conteúdos e significados mudam no decorrer da história, em sua relação com o mundo (uma aproximação da temática pode ser vista em Vasconcelos [2001]).

No caso específico da geografia, sabemos que os conceitos de espaço e tempo foram as categorias que historicamente polarizaram os mais intensos debates. Podemos asseverar com Oliveira (1982, p.66) que sua discussão representou, na geografia, “(...) a própria discussão do seu estatuto científico no seio da ciência.” Esta relação (espaço-tempo) corresponde a uma questão epistemológica fundamental para a ciência geográfica e para sua constante renovação. Porém, também tem um forte caráter ontológico, pois significa, grosso modo, que refletimos sobre as formas de materialização e realização da própria vida. Uma vez que nossa própria existência é implicada nesse processo, somos cercados da necessidade de buscar ampliar os horizontes de entendimento da relação entre sociedade e natureza, da qual nós também (em ação e pensamento sobre o mundo) somos *sujeitos-partícipes*.

Conforme mencionara Oliveira (1982), há uma unidade no processo relacionado à relação sociedade-natureza. É ele permeado por movimentos de *conservação e mutação*, ou seja, permanências e mudanças. Há mudanças e permanências, rupturas e conservações em sucessão histórica (não linear) no espaço geográfico. Encontra-se, em seu bojo, uma pluralidade de coexistências e formas de manifestação da matéria. Todavia a diversidade de coisas existentes pode ser entendida enquanto movimento onde há conexões entre as diferentes realidades materiais, que podemos conceber como totalidade. Tentando entender/interpretar esse movimento, é que se estabelece uma dinâmica do pensar/refletir humano. Isto é, o pensamento se caracteriza como um esforço para desvendar as relações que engendram e dão vida ao espaço enquanto resultado da unidade que é fruto da dinâmica espaço-tempo.

Como sublinhou coerentemente Ariovaldo Umbelino de Oliveira, há uma relação indissociável entre o espaço e o tempo. São diferentes, mas não excludentes. Um está no outro e ambos, enquanto totalidade, condicionam nossa vida diária. O que ocorre no tempo está no espaço e vice-versa. Tempo e espaço são e estão em movimento e este (movimento) manifesta-se e se concretiza no espaço e no tempo.

Nos tempos atuais, além de prosseguirem as discussões sobre as categorias ou conceitos de tempo e espaço, também tem se suscitado como debate inadiável no bojo da ciência geográfica o aprofundamento do conceito de território. A partir disso, vemos como necessário buscarmos evidenciar esses conceitos, dado o calibre elucidativo que portam para se pensar o espectro diverso de aspectos que compõem a totalidade do mundo da vida.

Ancorados na premência da problematização desses conceitos, tentaremos trazer ao debate alguns elementos teóricos a eles relacionados, importantes para a reflexão geográfica.

3. A CORRELAÇÃO TEMPO-ESPAÇO-TERRITÓRIO

Como sabemos, os elementos que compõem a realidade socioespacial (conjunto de objetos e construções naturais e sociais) são, via de regra, formados de substâncias e energias diversas, multiformes, polissêmicas, híbridas, multidimensionais.

Nesse sentido, as temporalidades e espacialidades, em suas relações de diversidades, portam atributos diferenciados que plasmam os tempos-espaços. Há, ao mesmo tempo, territorialidades em constante relação com as espacialidades e temporalidades que desenham os tempos-espaços-territórios (SAQUET, 2000). Todo esse entrelaçamento torna complexa nossa tarefa, na geografia, de explicar a materialidade e a imaterialidade dos processos socioespaciais. Por

isto, é fundamental que consigamos diferenciar o tempo, o espaço e o território e mostrar suas correlações.

Sucintamente, para nós, o tempo significa duração, seqüência, movimento, repetições e inovações. O tempo tem um fluxo contínuo, sendo, todavia, a definição (relativa, aproximada) de períodos, *começos* e *fins*. O tempo é processual e relacional. Isto é, significa processualidade histórica e simultaneidades, relações que contemplam escalaridades.

Quanto ao espaço geográfico, é a materialidade da dinâmica social se reorganizando historicamente na natureza e no interior da própria sociedade; é portanto produto de toda realização humana em sua relação com a natureza e, simultaneamente, condicionante da dinâmica socioespacial, como afirma Soja (1993).

O território, por sua vez, é uma síntese da relação espaço-tempo, com determinadas características específicas centradas nas relações de poder, na identidade e nas redes de comunicação e circulação. Há necessariamente, no que respeita à existência do território, sinergias, conflitos, contradições, lutas, campos de forças, movimentos de apropriação e dominação.

As realidades do tempo, do espaço, do território e os elementos que delas fazem parte devem ser consideradas, a partir da concepção exposta, construções históricas. Pois os significados de todas as coisas que existem mudam mediante as diferentes formas e conteúdos que os homens imprimem ao mundo, nas relações entre si e deles com a natureza. Em cada tempo os homens estabelecem diferentes modos de produção da vida, a partir das relações de produção e de trabalho e de diferentes formas de apropriação das coisas criadas em momentos diversos da história.

As coisas que existem (naturais e sociais) assumem diferentes definições, configurações e formas sob as quais se manifestam durante os tempos. Elas apresentam características e elementos que historicamente assumem feições mais ou menos permanentes, bem como feições mais ou menos abaladas por constantes mudanças. Todas as coisas estão em perpétuo *devenir*. Permanência e mudança são inerentes à vida humana e suas relações transformadoras da superfície terrestre. (HEGEL, 2002; LEFEBVRE, 1995).

Isso nos leva a pensar na questão do tempo. Cada tempo é caracterizado por processos físicos-humanos reunidos em uma síntese conceitual que se apresentam em sucessão. Tais processos e sucessões são tributários da relação entre homens e natureza, bem como do avanço de engendramentos, pelas sociedades humanas, de movimentos de controle tanto da natureza quanto das criações, produções e contatos/sociabilidades que se dão no âmbito das relações sociais (ELIAS, 1998).

Os processos do tempo se manifestam enquanto eventos e ações presentes no universo humano. São ações que constroem–destroem-reconstroem-plasmam-dissolvem-ligam-desligam as coisas e lhes impõem configurações que assumem uma miríade de formas-conteúdos que se manifestam objetivamente como: sucessões-coexistências, sincronias-diacronias, continuidades-descontinuidades, horizontalidades-verticalidades, opacidades-luminosidades, unidades-diversidades, mobilidade e relativa imobilidade.

As formas geográficas e seus conteúdos são tributários dos eventos, ações e movimentos que se imprimem mediante os diversos processos produtivos da vida social: produção, circulação/distribuição, troca e consumo. Em cada lugar e em épocas distintas, tais processos se manifestam com diferentes arranjos, conforme o que a natureza oferece e conforme as condições e transformações que os homens emprestam aos espaços. Resultam, portanto, das tramas e construções exaradas dos interesses e lutas entre grupos, classes, instituições etc., movidos pelo ensejo de se apropriar das produções e dos lugares. Este rearranjo constante ocorre socialmente, envolvendo as criações/invenções intersubjetivas, onde a relação dialógica entre os indivíduos patrocinam condicionamentos sociais. A unidade e diversidade dialética aí presente engendra, enfim, as diversas materializações e construções sociais.

Se quisermos ratificar e aprofundar essa idéia, (como, inclusive, o faz Saquet, 2000 e 2007), ocorre em nossa vida diária uma unidade na relação objetividade-subjetividade. Ou, em outros termos, a subjetividade tem objetividade e a objetividade tem subjetividade. A subjetividade

é cultural, simbólica, imaginária, pensamento e tem objetivações através das ações e construções que realizamos todos os dias em nossa imersão nos eventos coletivos. A objetividade também é pensada, abstraída, representada, planejada a partir dos projetos e teleologias de grupos etc. Portanto, uma está na outra, em recíproco condicionamento em suas materialidades e imaterialidades de formas e conteúdos construídos intersubjetiva e socialmente. Há edificações e relações que (re)produzem territorialidades humanas, as quais podem ser traduzidas pelas relações econômicas, políticas e culturais, em suas diversas (e desiguais) formas de materialização espacial.

Um dos pressupostos elementares que, portanto, assumimos é de que as *coisas* que existem são dialéticas. Pois se encontram eivadas de inumeráveis relações e interpenetrações entre os diversos elementos e as diferentes formas e conteúdos (materiais e imateriais) acolhedores e impulsionadores de relações contraditórias e em lutas definidoras de diferentes modos de viver, habitar e produzir.

Os embates de classes e suas lutas para se apropriar de *coisas*, trabalhos, lugares, é aspecto essencial para se entender os tempos-espacos-territórios. A partir das incontáveis formas de embates, que acontecem através das ações, teleologias e interações, os homens infundem constantes metamorfoses à natureza e em si mesmos, fazendo da vida (im)perfeitas obras, artes, (re)criações. Há sempre novos desenhos, arranjos, identidades, territorialidades, temporalidades, que contêm, em si, traços do pretérito social e natural.

Assim, para avançar nossa compreensão sobre a noção de tempo, é importante perceber que se relaciona às diversas formas de interações humanas. Interações que produzem tempos longos ou breves, sendo estes caracterizados pelos acontecimentos instantâneos cotidianos, vinculados à micro-história. E os tempos longos se ligando àqueles acontecimentos cuja arquitetura de suas sucessões e traços são relativamente fixos, assim considerados como portadores de bases estruturais (BRAUDEL, 1978).

Existe uma estreita relação entre tempos longos e breves. Os acontecimentos ou elementos particulares, em suas sucessões e virtuais regularidades, é que permitem ou não uma amarração às construções sociais duradouras. Elas portam em si certas ocorrências e relações que ratificam (ou não) as identidades definidoras das mudanças e permanências que caracterizam as formas e existências humanas.

No que tange às transformações espaciais temporalmente produzidas, são advindas do trabalho humano, o qual se realiza mediante técnicas de que as sociedades dispõem em cada tempo socialmente construído. As forças produtivas, prenhes de técnica, tecnologia, ideologia, política e cultura, estão sempre presentes como mediadoras nas relações que se estabelecem historicamente entre a sociedade e a natureza, isto é, na reorganização do território.

No período histórico atual, o modo capitalista de produção tem se ancorado nas grandes revoluções do *meio técnico-científico e informacional*. A evolução técnica tem avalizado uma fabulosa capacidade de gerar produções e mais-valia. Tem patrocinado também profundas (e, amiúde, perversas) transformações no ambiente e nas relações humanas. Assim como tem acirrado, a partir da denominada *compressão espaço-temporal*, as interações/movimentos de *coisas*, capitais, dinheiro, rendas, pessoas, idéias etc. (HARVEY, 1992).

A reboque deste processo, notamos inúmeros resultados no tocante às relações cotidianas, tais como: apressamento das produções; (re)definição de redes, sejam elas produtivas, comerciais, de transporte, de informação, sociais; redes identitário-simbólicas; e inúmeras outras (conseqüências) que perpassam escalas locais-globais (SANTOS, 1997a; RAFFESTIN, 1993; IANNI, 1996; SAQUET, 2007; HAESBAERT, 2004). As redes ganham contornos cada vez mais complexos, intensos e velozes, interligando lugares e pessoas; ligando e desligando; *libertando* e *aprisionando*. O próprio processo produtivo e de vida expropria, explora, exclui grande parte da população como uma de suas contradições internas mais profundas.

O aprofundamento das desigualdades entre os indivíduos na sociedade é, como observa Hissa (2006), um dos principais pontos da crise da modernidade. A crise emanada deste contexto sócio-produtivo pode ser entendida a partir do visível acirramento da captura das

produções sociais de valores de uso, tornando-os valores de troca, como podemos inferir da exposição de Gottdiener (1993). Como efeito desse processo, percebemos movimentos humanos caracterizados por aproximações-distanciamentos e anti-sociabilidades entre as pessoas, acirramento da pobreza, miséria e mazelas sociais, entre inúmeras outras, em ritmos anteriormente jamais vistos na história da humanidade.

Estabelecem-se, destarte, processos produtivos e sociais diferenciados de incontáveis combinações sobre os espaços tornados desiguais (a título de ilustração, veja-se a produção poética de autoria de Luiz Carlos Flávio, intitulada *Tempos e Espaços*, que incluímos como anexo). A divisão territorial do trabalho e as formas de divisão (entre os grupos e sujeitos polissêmicos, por exemplo) e as diversas formas de apropriações, apartações e ligações engendram diferentes papéis e características aos lugares, tornando-os acessíveis ou impeditivos em termos de acesso a grupos sociais específicos, os quais se tornam essencialmente desiguais.

O espaço social é apropriado de modo cada vez mais diferenciado pelos grupos. E o acirramento do metabolismo homem-sociedade (THOMAZ JR, 2002) tem estimulado a constituição e multiplicação de territorialidades. Ou seja, múltiplas relações e formas de posse, apropriação, hierarquização e usos do espaço se instituem a partir de múltiplas formas de relações de poder e controle, de identidades em movimentos interativos e *apartativos*, expressando intrincadas interações políticas, econômicas e culturais. Tais são as expressões materializadas nas diversas paisagens que apontam para a diferencialidade espacial (re)produzida no cotidiano das pessoas e empresas (capital), cujos processos são mediados principalmente pelo Estado, via poderes de normatizações e estabelecimento de regramentos e ordens que se impõem aos grupos e classes sociais (CORREIA, 1989).

Assim, muitos são os cenários de controles e descontroles que perpassam as relações sociais concretas, as quais se valem de processos que fetichizam/ideologizam/colonizam as representações sociais. Ou seja, amiúde os processos de produção da vida social se produzem ancorados em interpretações enviesadas, e (conscientemente ou não) constituem situações de alienação dos psiquismos coletivos, no cotidiano da apartação, de espaços tornados *esquisofrênicos* na sociedade burguesa do espetáculo.

Mas muitos são também os cenários de desregramentos, contra-poderes e lutas que estabelecem os espaços e territórios plasmados em poderes visíveis-invisíveis da vida cotidiana moderna que buscam forjar espaços de liberdade humana (ROSSLER, 2004, DEBORD, 1992; RAFFESTIN, 1993; FLÁVIO, SILVA, 2005).

Tais espaços e territórios, e as respectivas malhas, *nós*, redes, organizações e arranjos do poder durante muito tempo não foram (na teoria e na prática) devidamente levados em consideração pela denominada geografia tradicional. Todavia, tais questões vêm sendo suscitadas por muitos autores atuais (dentre os quais alguns figuram em nossa exposição), que auxiliam a repensar a construção de cada território como resultado e condição de cada relação espaço-tempo. O espaço e o tempo estão no território, objetivados e subjetivados através das relações de poder, das redes de circulação e comunicação, das técnicas e tecnologias e das identidades e construções simbólico-culturais. E esta correlação significa movimento do tempo, do espaço e do território.

O movimento está no espaço, no tempo e no *interior* do próprio território. Todos vivemos múltiplas territorialidades, enraizadas/identificadas ou em trânsito. A descontinuidade está contida na continuidade e esta naquela e o poder é intrínseco às relações sociais. No entanto, é sempre necessário corroborar que todo o processo de produção da vida e das relações humanas é prenhe de negações e contradições que se estabelecem nos movimentos e dinâmicas territoriais.

As negações e contradições são inerentes à multidimensionalidade social. Ou seja, são inerentes às relações sociais de poder, que estabelecemos todos os dias. Há uma espécie de *jogo* que, através de lutas incessantes, transforma, reforça ou inverte nossas ações. O poder, neste sentido, é produzido nas relações, em cada instante; é exercido nas relações econômicas, políticas e culturais e serve para regular, controlar, influenciar as ações dos indivíduos, objetiva e subjetivamente. É uma força constante e central na reprodução da dominação social e territorial.

O movimento é fruto de determinações materiais e imateriais, ao mesmo tempo; de contradições sociais; das forças econômicas, políticas e culturais que condicionam os *saltos*. A matéria e a idéia, conjugadas, estão em movimento constante, em que há superações, articulações territoriais, internas e externas a cada território.

O *velho* é recriado no *novo*, num movimento de superações. O *novo* contém e dialoga com o *velho*. Com isso, o *velho* não é suprimido, eliminado, mas superado, permanecendo, parcialmente, no *novo*, que nasce de dentro do próprio *velho*. Os elementos condicionantes da superação do território estão em seu *interior*. Há, aí, uma destruição criadora, como afirmara o próprio Marx, cuja presença e força é latente, lenta e/ou veloz, cuja natureza é multiforme, dando-se às vezes de modo explícito e às vezes implícito.

Neste sentido, o território funda-se como movimento, contradições, unidade e diversidade, homogeneidade e heterogeneidade, desigualdades e diferenças (SAQUET, 2007). É produto e, simultaneamente, condição de cada relação espaço-tempo, de processos sociais e naturais imbricados. É algo que se constrói no bojo de lutas que condicionam a (re)produção da espacialidade humana. Como o que ocorreu, a título de exemplo, no Sudoeste do Paraná nos anos 1950-60, com o acirramento da migração *gaúcha* e catarinense para esta área, com movimentos de especulação fundiária (através de empresas colonizadoras), o fortalecimento de alguns comerciantes e a intervenção do Estado. Aconteceram mudanças profundas na organização do espaço regional, através de inovações técnicas e do *jogo* político-ideológico efetivado, o que acabou favorecendo a institucionalização da propriedade privada da terra e a expansão horizontal do modo capitalista de produção, seja no campo, seja na cidade. Este movimento esteve centrado em *novas* relações sociais, no campo, na cidade e entre os espaços urbano e rural, tanto política como cultural e economicamente.

Desta forma, a definição de territorialidade extrapola as relações de poder político, os simbolismos e construções identitárias dos diferentes grupos sociais e envolve, ao mesmo tempo, a dinâmica econômica centrada em *seus* agentes sociais. Materialidade e imaterialidade conjugam-se na(s) territorialidade(s) e no(s) território(s). A territorialidade corresponde a *todas* as ações e reações sociais e cotidianas. A territorialidade significa, deste modo, relações sociais de apropriação e dominação. Apropriar-se de uma rua, através da prostituição, é um acontecimento objetivo e simbólico; ocupar uma parcela de terra, através de um movimento social como o do MST, também corresponde a signos e símbolos, ideologia e política, luta, intentos econômicos e diversas construções socioespaciais.

O território é fruto e condição deste movimento; é processual e relacional; significa tempo e espaço. O que requer muita atenção por parte de cada pesquisador quando este define, em um processo de pesquisa (a respeito, por exemplo, do território), o método, os procedimentos, as categorias e os conceitos como orientações teórico-metodológicas que se propõem a abordar uma temática como esta. É preciso ter/perceber as sutilezas para escolher o *caminho*, ou os *caminhos* mais coerentes com cada objeto e problemática de estudos, que possa possibilitar a interpretação e explicação o mais coerente e completa possível.

Afinal de contas, cada situação, cada realidade com suas respectivas peculiaridades demandam a incursão de categorias/conceitos apropriados, isto é, que dêem conta de explicar, interpretar, analisar determinado fenômeno, suas dinâmicas e relações.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos pensadores buscam hoje escancarar as relações de poder que se estabelecem no território, urdindo freqüentemente tessituras e tramas de dominação e controle dos grupos política e economicamente frágeis da sociedade (os trabalhadores, ou a *classe-que-vive-do-trabalho*), em favor do enriquecimento e empoderamento dos grupos dominantes. Essa geografia, crítica e renovada, busca, como realça Dematteis (2007, p. 11) pôr “... o pensamento geográfico a serviço da

sociedade civil...” É uma geografia que se propõe a contribuir “... para melhorar a vida em sociedade”.

A abordagem territorial, como exposta neste texto, é um dos *caminhos* reflexivos para a compreensão do território, do tempo e do espaço, das desigualdades e diferenças, das transformações sociais etc., reconhecendo a reciprocidade existente nas relações econômicas, políticas e culturais, entre os homens e entre estes e a natureza exterior, da qual eles próprios fazem parte.

Porém, isto requer uma posição política e ideológica firme e bem definida, que possa subsidiar a elaboração de propostas para atuação em projetos de desenvolvimento, que contemplem a conquista de mais autonomia para a maioria das pessoas. Isto requer a construção e implantação de modelos ou projetos de desenvolvimento que não estejam centrados na reprodução cada vez mais ampliada do capital e na degradação do ambiente. Mas sim na elaboração de formas de produção da vida humana que contemplem processos de trabalho humanizadores, alimentação saudável e educação com abordagem crítica e de qualidade; supõe habitação digna e cultura universal disponíveis para todos. E, no que tange às relações políticas, ao invés de se basearem em pilares de dominação e elitismo ancorado em conchavos entre grupos ou partidos políticos (que amiúde deságuam em processos de corrupção e diversas formas de lesionamento dos interesses coletivos mais prementes), é necessário que se plasmem no diálogo e na participação popular, esta sim, capaz de patrocinar processos de humanização das relações sociais.

É o avanço desta modalidade de geografia, outrora denominada de anárquica e radical, criadora de pensamentos de autonomia e desenvolvimento territorial, que almejamos construir ao produzir conhecimento em nossas práticas intelectuais e políticas. Acreditamos ajudarmos dessa forma efetivamente a qualificar e expandir seus contornos diante do esgarçamento de pensamentos conservadores ou mesmo reacionários socialmente, ainda presentes no seio da geografia atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BOBBIO, N. *Estado, governo, sociedade: para uma teoria geral da política*. 10ª. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. (Col. Pensamento Crítico, v. 69).
- CORRÊA, R. L. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1989.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Qu'est-ce que la philosophie?* Paris: Minuit, 1991.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DEMATTEIS, G. Apresentação. O território: uma oportunidade para repensar a geografia. In: SAQUET, M. *Abordagens e concepções de território*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 07-11.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Trad. de Estela dos Santos Abreu. 2ª reimpressão. São Paulo: Contraponto, 1992.
- ELIAS, N. *Sobre o tempo*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- FLÁVIO, L. C., SILVA, E. M. Espaços e territórios invisíveis da vida cotidiana. In: ALVES, Adilson F., FLÁVIO, L. C., SANTOS, R. A. dos. (Orgs). *Espaço e território: interpretações e perspectivas do desenvolvimento*. Francisco Beltrão: Unioeste, 2005. p. 35-54.
- GOTTDIENER, M. *A produção social do espaço urbano*. São Paulo: Editora da Usp, 1993.
- GOTTMANN, J. *La città invincibile: una confutazione dell'urbanistica negativa*. Milano: Franco Angeli, 1983.
- HAESBAERT, R. Des-caminhos e perspectivas do território. In: RIBAS, A., SPOSITO, E., SAQUET., M. *Território e desenvolvimento: diferentes abordagens*. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 10ª. Ed. São Paulo: Loyola, 1992.
- HEGEL, G. F. *Fenomenologia do espírito*. São Paulo: Vozes, 2002.

- HISSA, C. E. V. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- IANNI, O. *Teorias da globalização*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- LEFEBVRE, H. *Lógica formal, lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. In: Os pensadores. 2ª. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. *Contribuição à crítica da economia política*. 2ª. Ed. São Paulo: Editora MARTINS Fontes. 1983.
- MORAES, Antonio C. R. *Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil*. São Paulo, Hucitec, Annablume, 2002.
- MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Trad. de Eliane Lisboa. 3ª. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- OLIVEIRA, A. U. de Espaço e tempo. Compreensão materialista dialética. In: SANTOS, Milton (Org.). *Novos rumos da geografia brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1982.
- RAFFESTIN, C. *Pour une géographie du puvoir*. Paris: Litec, 1980.
- RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- RAFFESTIN, C. e TURCO, A. Epistemologia della geografia umana. In: BAILLY, A. (Org.). *I concetti della geografia umana*. Bologna: Pàtron, 1989a. p. 15-25.
- RAFFESTIN, C. e TURCO, A. Spazio e potere. In: BAILLY, A. (Org.). *I concetti della geografia umana*. Bologna: Pàtron, 1989b. p. 57-64.
- ROSSLER, J. H.. *O desenvolvimento do psiquismo na vida cotidiana: aproximação entre a psicologia de Alexis N. Leontiev e a teoria da vida cotidiana de Agnes Heller*. Cad. Cedes, abr. 2004, 62, p. 100-116.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: hucitec, 1997a.
- _____. *Espaço e método*. 4ª. Ed. São Paulo: Nobel, 1997b.
- SAQUET, M. A. O tempo, o espaço e o território. In: SOUZA, E.; SOUZA, Á. (Org.). *Paisagem, território, região: em busca da identidade*. Cascavel/PR: Edunioeste, 2000, p.103-114.
- _____. Proposições para estudos territoriais. In: *Geographia*, Revista de Pós-Graduação em Geografia da UFF. Niterói/RJ, UFF/EGG, anoVIII, n. 15, 2006.
- _____. *Abordagens e concepções de território*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- SOJA, E. *Geografias Pós-modernas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- THOMAZ JR, A. *Por uma geografia do trabalho*. In: Pegada. Vol. 3, n. especial, agosto de 2002.
- VASCONCELOS, P. Categorias e conceitos para compreensão da cidade brasileira do período escravista. In: SPOSITO, M. E. B. (org). *Urbanização e cidades: perspectivas geográficas*. Presidente Prudente: Unesp/Gasperr, 2001.

ANEXO

TEMPOS E ESPAÇOS

Os tempos se encontram,
desencontram e se abraçam,
se arranham, se enlaçam,
abrigando a torrente
do heterogêneo existir.

É, o existir, pluralidade dos tempos
conviventes no regaço
das correntes performáticas
animadas e enfáticas
dos inúmeros espaços.

O espaço é testemunha
dos tempos complexos e banais
que se aproximam, se definem,
se afetam, se alinham
em fronteiras relacionais.

Os tempos se animam
ou afastam seus frontais,
se encaixam, desencaixam,
se alastram pelo mundo
transpassando os portais.

São, os espaços, descontínuos,
seus regaços, nada formais,
em figuras que se alargam
se esfregam, se embargam
sob formas desiguais.

(Luiz Carlos Flávio)